

SER E DEVIR PRÉ-SOCRÁTICOS NAS SOCIOLOGIAS ESTÁTICA E DINÂMICA COMNTEANAS

PRE-SOCRATIC BEING AND BECOMING IN COMTEAN STATIC AND DYNAMIC SOCIOLOGIES

SER Y DEVENIR PRESOCRÁTICOS EN LAS SOCIOLOGÍAS ESTÁTICAS Y DINÁMICAS COMANTENAS

Ricardo Cortez Lopes¹

RESUMO

A busca da essência foi uma forte característica da parte hegemônica da disciplina filosofia até o advento do giro linguístico. Uma das soluções encontradas para essa busca foi através da mutabilidade/ imutabilidade: os pré socráticos Heráclito e Parmênides argumentavam que a essência do ser estava, respectivamente, na permanência ou na mudança. Aparentemente, uma solução excluiria a outra, em um paradoxo sobre o que seria a essência do ser. Todavia, parece que essa antinomia foi proveitosa no sistema científico comteano, na sua estruturação da sociologia entre estática e dinâmica. Nos seis volumes do livro “Curso de filosofia positiva” (1830-1842) a dinâmica estudaria a dimensão propriamente “histórica”, pois investigaria o “progresso” das sociedades. Já a estática lidaria com as “instituições”, aquilo que seria permanente, a “ordem”. Assim, a busca pelo ser é resignificada na busca pela sociedade e a essência poderia ser encontrada sintetizando a imutabilidade (na estática) e a mutabilidade (a dinâmica) em um sistema baseado na investigação empírica, e não na especulação filosófica. Nesse sentido, uma discussão filosófica antiga ensejou certa organização de um sistema científico que resignificou o esforço filosófico.

Palavras-chave: Ser. Devir. Estática. Dinâmica. Comte.

ABSTRACT

The search for essence was a strong feature of the hegemonic part of the philosophy discipline until the advent of the linguistic turn. One of the solutions found for this search was through mutability / immutability: the pre-Socratic Heraclitus and Parmenides argued that the essence of being was, respectively, permanence or change. Apparently one solution would exclude the other in a

¹Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Tutor na Licenciatura em Robótica para a Educação. E-mail: rshicardo@hotmail.com.

paradox about what the essence of being would be. However, it seems that this antinomy was useful in the Comtean scientific system in its structuring of sociology between static and dynamic. In the six volumes of the book "Course of Positive Philosophy" (1830-1842) the dynamics would study the properly "historical" dimension, as it would investigate the "progress" of societies. Statics, on the other hand, would deal with 'institutions', what would be permanent, 'order'. Thus, the search for being is re-signified in the search for society, and the essence could be found by synthesizing immutability (in static) and mutability (dynamics) in a system based on empirical inquiry rather than philosophical speculation. In this sense, an ancient philosophical discussion gave rise to a certain organization of a scientific system that re-signified the philosophical effort.

Keywords: Being. Becoming. Static. Dynamics. Comte.

RESUMEN

La búsqueda de la esencia fue una fuerte característica de la parte hegemónica de la disciplina filosófica hasta el advenimiento del giro lingüístico. Una de las soluciones encontradas para esta búsqueda fue a través de la mutabilidad/inmutabilidad: los presocráticos Heráclito y Parménides sostenían que la esencia del ser residía, respectivamente, en la permanencia o el cambio. Al parecer, una solución excluiría a la otra, en una paradoja sobre cuál sería la esencia del ser. Sin embargo, parece que esta antinomia resultó beneficiosa en el sistema científico comteano, en su estructuración de la sociología entre estática y dinámica. En los seis volúmenes del libro "Curso de Filosofía Positiva" (1830-1842), la dinámica estudiaría la dimensión propiamente "histórica", pues investigaría el "progreso" de las sociedades. La estática se ocuparía de las "instituciones", lo que sería permanente, el "orden". Así, la búsqueda del ser se redefine en la búsqueda de la sociedad y la esencia podría encontrarse sintetizando la inmutabilidad (en la estática) y la mutabilidad (en la dinámica) en un sistema basado en la investigación empírica, y no en la especulación filosófica. En este sentido, una antigua discusión filosófica dio origen a cierta organización de un sistema científico que dio un nuevo significado al esfuerzo filosófico.

Palabras clave: Ser. Convertirse. Estático. Dinámica. Comte.

1 INTRODUÇÃO

Muito se fala de um discurso científico que contraria frontalmente o chamado senso comum. Essa noção coloca os dois interagentes em um condição de semelhança quanto a um aspecto: ambos seriam discursos unificados. O foco do texto é no lado científico, em uma das controvérsias que demonstram que essa unidade é falsa ao menos no discurso científico.

Essa controvérsia, em específico, é se a ciência deve se focar na mudança ou na permanência para começar a sua investigação. Vamos observar que esse ponto é bastante polêmico e antigo na história da ciência, e Auguste Comte fornece uma solução original que acaba por sintetizar os pensamentos de dois filósofos da antiguidade grega: Heráclito e Parmênides. A questão está bem explorada na obra “Cours de Philosophie”, e pretendemos analisar trechos dessa obra com base em uma revisão bibliográfica da obra dos pré-socráticos.

O positivismo inaugurado por Auguste Comte se trata de um sistema de conhecimento caracterizado por tentar criar o vínculo de solidariedade entre indivíduo e sociedade através do que chamou de ciência positiva. Seu projeto era destinado à humanidade inteira, daí a sua famosa teoria dos três estados, que permite enxergar um sentido para a história desde o seu começo até o seu fim:

A palavra “positivo” foi utilizada inicialmente [...] tendo como referência “os conhecimentos positivos”, definidos em contraposição às ideias teológicas e metafísicas, ou seja, sendo sinônimos de conhecimentos científicos, isto é, de conhecimentos que sejam de alguma forma ao mesmo tempo racionais e empíricos (e/ou passíveis de verificação). Nesse sentido inicial, “o positivo” e, de maneira mais ampla, cada um dos “estágios” da lei dos três estágios refere-se a uma forma de conceber a realidade (LACERDA, 2018, p.26)

Dentro da teoria Comteana, há espaço para a presença dos pré-socráticos a partir de duas características: (a) o elemento sintético da teoria comteana e (b) sociologias estática e dinâmica. Sobre o elemento (a), pode-se dizer que:

Mais ainda: em vez de a Sociologia (e, por extensão, as Ciências Humanas) dever subordinar-se às Ciências Naturais, seriam estas que deveriam subordinar-se teoricamente à Sociologia, a partir de uma perspectiva que hoje chamaríamos de transdisciplinar, radicalmente humanista (esse é o sentido da “síntese subjetiva” de Comte) [...] o conhecimento da realidade pode ser analítico ou sintético: primeiro analítico, referente a aspectos isolados da realidade, por meio da ciência; em seguida sintético, elaborando uma visão de conjunto dessa mesma realidade mas atendendo também a necessidades psicológicas não apenas intelectuais, mas afetivas e por assim dizer psíquicas: essa visão de conjunto, essa síntese, é obra da filosofia (LACERDA, 2009, p.331)

O positivismo, portanto, pretende sintetizar o conhecimento humano, daí a cumulatividade do saber científico que caracteriza a sua concepção do que é ciência - o que contrasta com as interpretações kuhnianas e popperianas. Ou seja, a filosofia antiga (pré-socrática) pode muito bem entrar como elemento dessa grande síntese. Já sobre o elemento (b), podemos observar que a teoria comteana:

A teoria sociológica comteana, ainda que formando um sistema coerente, do ponto de vista lógico divide-se em duas partes: a Sociologia Estática e a Sociologia Dinâmica. A primeira analisa os elementos permanentes da sociedade, aquelas instituições e aqueles fatos que em todas as sociedades existem, por mais variados que sejam ou pareçam. Os elementos da “ordem” são em número de cinco: a religião, o governo, a linguagem, a família e a propriedade. Por outro lado, a Sociologia Dinâmica concentra-se nas formas como as sociedades evoluem ao longo do tempo, ou seja, como os cinco elementos da Sociologia Estática desenvolvem-se. Aliás, a lei dos três estados, nesse sentido, é claramente uma lei da Sociologia Dinâmica, sua fundadora e seu primeiro resultado sistemático (LACERDA, 2004, p.66)

Partindo desses dois pontos, vamos avançar para os pré-socráticos para entender a fundo como se dá essa composição.

2 PRÉ-SOCRÁTICOS: HERÁCLITO E O SER E PARMÊNIDES E O DEVIR

Os filósofos anteriores à Sócrates (469 a.C. - 399 a.C.), entre eles Heráclito e Parmênides, não deixaram escritos como fonte primária. Eles foram, isso sim, comentados por filósofos posteriores, muitas vezes com a intenção de contrariá-los: “Los fragmentos actuales de los pensadores presocráticos se conservan citados en los autores antiguos posteriores a ellos, desde Platón, en el siglo IV a. C, hasta Simplicio, en el siglo VI d. C, e incluso, en raras ocasiones, en los escritores bizantinos tardíos, como Juan Tzetzes” (KIRK, RAVEN, SCHOFIELD, 1982, p.6). Ou seja, não estaremos lidando diretamente com as palavras do filósofo monista e do filósofo mobilista, porém nem mesmo o próprio Comte teve acesso a esse material por via direta.

Sobre Parmênides,

Parmênides é considerado o pensador do Ser (o real em seu sentido mais abstrato, mais básico), aquele que é de certa forma um precursor da metafísica, exatamente este tipo de pensamento sobre o ser, opondo-se à experiência concreta, sensível e imediata que temos comumente das coisas [...] Parmênides e os eleatas são adversários dos mobilistas, defendendo uma posição que podemos caracterizar como monista, ou seja, a doutrina da existência de uma realidade única. Parmênides parece de fato o introdutor de uma das distinções mais básicas no pensamento filosófico, a distinção entre realidade e aparência. Assim, o primeiro argumento contra o mobilismo consiste em caracterizar o movimento apenas como aparente, como um aspecto superficial das coisas. Se, no entanto, formos além de nossa experiência sensível, de nossa visão imediata das coisas, descobriremos, através do pensamento, que a verdadeira realidade é única, imóvel, eterna, imutável, sem princípio, nem fim, contínua e indivisível. Por isso Parmênides afirma que o ser é esférico, a esfera representando o caráter pleno e perfeito do real. Através do pensamento devemos buscar então aquilo que permanece na mudança: só posso entender a mudança se há algo de estável que permanece e me permite identificar o objeto como o mesmo. Portanto, podemos dizer que o segundo argumento contra o mobilismo é um argumento de caráter lógico, sustentando que a noção de movimento pressupõe a noção de permanência como mais básica. Nesse sentido, o movimento não pode ser tomado como mais básico, como primitivo, definidor do real (MARCONDES, 1997, p.37)

Dessa filosofia pode-se tirar que o ser e o parecer são completamente opostos, e a verdade está no primeiro - daí a alcunha do monismo. Existe, portanto, uma realidade única e imutável, e esse ser possui o formato esférico e perfeito. O que os sentidos percebem, portanto, não é o ser. Existe, portanto, a diferença entre acidente e substância:

1º – Que não existe outra coisa que não seja a substância, isto é o Ser em sua permanência, imutabilidade, e unidade; 2º – Que para além do Ser existe o não Ser, que é o Nada. A idéia principal na filosofia parmenídica se resume em discutir o que o Ser é, e o que o Ser não é. Na concepção Parmenídica, a idéia do Devir não assume um lugar de grande importância, não se nega à existência do Devir, porém ele ocupa uma situação de realidade aparente, uma realidade sensível, onde o Devir é dado pelos sentidos e não pela razão (AMORIM, 2011, p.30)

Ou seja, o devir é o acidente e ele não é o mais importante na busca do logos do que a substância em si. O foco de Heráclito é justamente no devir, como veremos agora, o que lhe confere uma solução mobilista para a questão da

natureza da realidade. Mas no que o mobilismo difere do monismo, outra solução muito famosa?

Heráclito de Éfeso, embora um dos pré-socráticos de quem mais chegaram fragmentos até nós, era conhecido já na Antiguidade como “o Obscuro”, devido à dificuldade de interpretação de seu pensamento. Pode ser considerado, juntamente com os atomistas, como o principal representante do mobilismo, isto é, da concepção segundo a qual a realidade natural se caracteriza pelo movimento, todas as coisas estando em fluxo. Este seria o sentido básico da famosa frase atribuída a Heráclito: “Panta rei” (Tudo passa). Sua filosofia, tal como podemos reconstruí-la, é, entretanto, bem mais complexa do que isso. A noção de logos desempenha papel central em seu pensamento, como princípio unificador do real e elemento básico da racionalidade do cosmo. Segundo o famoso fragmento 50, “Dando ouvidos não a mim, mas ao logos, é sábio concordar que todas as coisas são uma única coisa.” Assim, tudo é movimento, tudo está em fluxo, mas a realidade possui uma unidade básica, uma unidade na pluralidade. Esta “unidade na pluralidade” pode ser entendida também como a unidade dos opostos. Heráclito vê a realidade marcada pelo conflito (pólemos) entre os opostos (fr.53, 126, 80), conflito que todavia não possui um caráter negativo, sendo a garantia do equilíbrio, através da equivalência e reunião dos opostos (fr.10). Assim, dia e noite, calor e frio, vida e morte são opostos que se complementam (fr.67, 126). A existência do movimento e da pluralidade do real é parte de nossa experiência das coisas, e Heráclito parece ser um filósofo que valoriza a experiência sensível (fr.55). O fogo (pyr) é tomado como elemento primordial (fr.30, 31, 66, 90) ou, pelo menos enquanto chama, energia que queima e se autoconsome, simbolizando o caráter dinâmico da realidade. (MARCONDES, 1997, p.38)

Ou seja, Heráclito encontra a verdade não no ser imutável parmediano, mas sim na mudança - pois a mudança é que constrói a realidade. A experiência consegue perceber o conflito, então aparência e essência não estão separados, tal como no outro filósofo. Cumpre notar que esse pensamento pode ser sintetizado na expressão “devir”:

Pois bem, se tudo está em completo flu[xo, isto é, num constante vir-a-ser, em constante movimento. Isso nos leva a reflexão, que nos faz perguntar: Até que ponto a identidade permanece? Heráclito nos diz: “Em nós, manifesta-se sempre uma e a mesma coisa: vida e morte, vigília e sono, juventude e velhice. Pois a mudança de um dá o outro e reciprocamente”. O Devir é que faz com que os opostos sejam subsumidos, numa mesma unidade, é a mudança que permitirá a dar limite aos opostos, para formar a unidade, logo o Devir é a essência, ou seja, o princípio,

o que permanece. A partir desta conclusão, notamos que o que falta em Parmênides é o que funda o conceito de Ser e não Ser, e isso Heráclito nos dá, isto é, é através de Heráclito que adquirimos a concepção do Devir, do movimento; será justamente a concepção do Devir que unificará os opostos, ou seja, trará a unidade para o Ser e o Não-ser (AMORIM, 2011, p. 30).

Ou seja, os opostos formam a realidade: “[...] essa questão do movimento teria dado origem à dialética, pois a mesma considera que tudo estaria movimentando-se constantemente em relação às demais coisas” (CARNEIRO, AZEVEDO, 2017, p.211). Posteriormente,

(...) os gregos preferiam a ideia de Parmênides, quando este dizia que a “essência profunda do ser era imutável e dizia que o movimento (a mudança) era um fenômeno de superfície”. Com esse pensamento, a Metafísica se estabelece com o apoio da classe dominante e de seus interesses. Diante desse quadro, a dialética cai no esquecimento (CARNEIRO, AZEVEDO, 2017, p.211)

Cumprido notar que esses pensadores já foram ressignificados por Hegel, por exemplo, nos conceitos de liberdade e contingência (AMORIM, 2011), que aparecem de maneira opostora um ao outro. Esta ideia da importância dos pré-socráticos pode ser vista em outros autores: “[...] toda a Filosofia Antiga e seus desdobramentos, a Filosofia Medieval e Moderna, giram em torno do impasse ocorrido entre a filosofia de Heráclito de Éfeso e a de Parmênides, os filósofos que lhe são posteriores são seus herdeiros” (MINIKOVSKY, 2008, p.15). Nossa ideia é de que essa controvérsia é resolvida por Comte através do positivismo, mesmo que sua solução possa ser contestada.

3 POSITIVISMO COMTEANO: AS SOCIOLOGIAS ESTÁTICA E DINÂMICA E A CONTROVÉRSIA

A partir desse momento vamos analisar as ideias de estática e de dinâmica à luz do ser e do devir. Vamos observar, ao fim, que a dinâmica corresponde a uma integração do devir; e que a estática corresponde a uma integração do ser. Um primeiro trecho que comprova essa relação é o seguinte:

Para explicar convenientemente meu pensamento a esse respeito, devo primeiro lembrar uma concepção filosófica da mais alta importância, exposta pelo Sr. De Blainville na bela introdução de seus Princípios Gerais de Anatomia Comparada. Consiste em que todo ser ativo, especialmente todo ser vivo, pode ser estudado, em todos os seus fenômenos, de duas ópticas fundamentais, a estática e a dinâmica, isto é, como apto a agir e como agindo efetivamente (COMTE, 1978, p.13)

A ideia original, portanto, provém de Bainville e seu estudo sobre seres vivos, sendo a estática o modo como se é apto a agir e a dinâmica sendo a ação realizada. Não há, portanto, uma ligação direta do pai do positivismo com os gregos, no entanto isso não impede que a discussão tenha aparecido nos autores que Comte leu e ele acabe contribuindo com o debate. Assim: o ser está já constituído e o devir explica o já feito. Prossegue Comte:

Daí resulta, em toda ciência real, uma diferença fundamental entre apreciação estática e apreciação dinâmica de um assunto qualquer. Os dois gêneros de relações contribuem igualmente para explicar os fenômenos e, paralelamente, conduzem à sua previsão, apesar de as leis da harmonia parecerem sobretudo destinar-se à explicação, e as leis de sucessão à previsão. Quer se trate de explicar, quer de prever, tudo sempre se reduz a ligar. Toda ligação real, estática ou dinâmica, descoberta entre dois fenômenos quaisquer, permite ao mesmo tempo explicar e prevê-los um depois do outro, pois a previsão científica convém evidentemente ao presente, assim como ao passado e ao futuro (COMTE, 1978, p.51)

A união das duas vertentes, ao invés de excludentes - tal como as buscas individuais da verdade no ser e no devir dos pré-socráticos - é complementar quando se quer buscar “previsão” e a busca das leis. É preciso uma ligação entre os fenômenos, e a estática e a dinâmica ajudam a fazer essa ligação de uma maneira sistemática:

Uma teoria formada pela íntima combinação dessa lei estática com a lei dinâmica parece primeiramente concernir apenas ao movimento intelectual da humanidade. Mas as explicações indicadas acima nos garantem previamente sua aptidão necessária a também abarcar o desenvolvimento social, cuja marcha geral necessitou sempre depender da marcha de nossas concepções elementares sobre o conjunto da economia natural (COMTE, 1978, p.112)

A síntese positivista aparece na expressão “movimento intelectual da humanidade”. Isso permite que seja possível abarcar o desenvolvimento social, o que dependeu, até aquele momento, da economia natural. Ou seja, até aquele instante havia a prevalência de um lado - a economia natural, logo, poderia ser considerada como o ser. Essa combinação incide diretamente na constituição do dogma: “[...] o dogma, e que dei para base ao conjunto de nossa teoria intelectual, tanto dinâmica como estática, assim reatada ao sistema fundamental das noções biológicas” (COMTE, 1978, p.112). O interessante é que a dinâmica e a estática permitem a unificação da sociologia com as ciências biológicas, algo que evidencia como Comte não apreciava separações.

Segue-se um trecho em que a filosofia pré-socrática aparece com mais força nos escritos do pai da sociologia: “em estáticas e dinâmicas, conforme se referirem às disposições imutáveis ou variações essenciais do objeto correspondente. Estes dois termos conexos tornaram-se indispensáveis a toda exposição séria do positivismo” (COMTE, 1978, p.205). Há a caracterização clara entre “disposições imutáveis” e as “variações essenciais” como a demonstração viva da síntese: uma disposição imutável poderia dar a entender que é um ser (“imutáveis” e “essenciais”) e um devir (“disposição” e “variações”). São precisas as duas dimensões para o positivismo existir, e assim os dois filósofos são encampados de maneira sistemática.

No entanto, a junção não deixou os conceitos completamente intactos. Houve uma ressignificação dos mesmos, que permite que a sua dicotomia seja transformada em possibilidades de conexão. Após apontar para o casamento, o positivista foca-se primeiramente na descrição da estática:

Os antigos, que viam por toda parte a imobilidade, foram profundamente alheios a toda concepção dinâmica, mesmo em matemática. Pelo contrário, o príncipe eterno dos verdadeiros filósofos, o incomparável Aristóteles, lançou já todas as bases essenciais dos mais elevados estudos estáticos sobre a vida, a inteligência e a sociedade. Mas, segundo esta marcha necessária, o complemento dinâmico torna-se indispensável onde quer que seja. Sem ele, a apreciação estática fica sempre provisória, de modo a não poder guiar bastante a prática, que seria por ela arrastada isoladamente a erros graves, sobretudo em relação aos casos principais (COMTE, 1978, p. 206)

Ora, a vertente dominante, a aristotélica, focou-se na estática da “vida, a inteligência e a sociedade”. Isso, *a priori*, não parece ser algo de julgamento negativo, porém prende o conhecimento à especulação pura. Nesse caso, Comte está propondo uma visão que recupera essa herança:

A lei estática de nosso entendimento torna-se, para o positivismo, uma simples aplicação do princípio fundamental que por toda parte subordina o homem ao mundo. Consiste ela, com efeito, na subordinação contínua de nossas construções subjetivas aos nossos materiais objetivos. O gênio de Aristóteles esboçou a noção geral de tal lei neste admirável apanhado: Nada há no entendimento que não proviesse primeiro da sensação. Tendo, porém, os modernos abusado amiúde de semelhante axioma para representar nossa inteligência como puramente passiva, o grande Leibniz foi obrigado a juntar-lhe uma restrição essencial, destinada a formular a espontaneidade de nossas disposições mentais. Esta explicação, que se limitava realmente a desenvolver melhor a máxima de Aristóteles, foi completada por Kant, com a sua imortal distinção entre as duas realidades, objetiva e subjetiva, de cada concepção humana. Contudo, este princípio só foi verdadeiramente sistematizado quando o positivismo o referiu, como convinha, à lei geral que, em todos os fenômenos vitais, coloca todo organismo sob a dependência contínua do meio correspondente. Para as nossas mais elevadas funções espirituais, como em relação aos nossos atos mais materiais, o mundo exterior serve-nos ao mesmo tempo de alimento, de estimulante e de regulador. Ao passo que a subordinação do subjetivo ao objetivo cessava, assim, de ser isolada, recebia também, da filosofia positiva, seu complemento indispensável, sem o qual o estudo estático da inteligência não poderia ser ligado suficientemente ao estudo dinâmico. Ele consiste em reconhecer que, no estado normal, as imagens subjetivas são sempre menos vivas e menos nítidas que as impressões objetivas de onde elas dimanam. Se assim não fosse, o exterior nunca poderia regular o interior (COMTE, 1978, p. 207)

No trecho em questão, pode-se perceber que Comte enxerga uma linha evolutiva: as vertentes dominantes da filosofia (Kant e Leibniz) podem ter uma complementação posterior. Nesse caso, o positivista realiza uma equivalência entre o ser e o organismo quando afirma que o positivismo pensa o meio correspondente (o devir), o mundo exterior, o qual alimenta, estimula e regula o ser. Uma representação nutrida por um indivíduo é sempre menos precisa do que o seu referente concreto e externo, ou seja: o devir acaba se tornando mais concreto do que a percepção do ser. Assim, contraria-se e complementa-se o racionalismo kantiano, por exemplo.

É possível, ainda, afirmar que Comte pensa em alguma interdisciplinaridade a partir desse trecho: “Então o pensamento geral da biologia fica completo, de modo a tornar possível por toda parte uma suficiente harmonia entre a apreciação estática e a apreciação dinâmica, a fim de passar convenientemente da função ao órgão, ou viceversa” (COMTE, 1978, p. 229). Tal ideia permite alternar entre as escalas de maneira sistemática, unificando o objeto das ciências como um todo. Desse modo, a função é o ser e o órgão é o devir - este último atualizando essa função e produzindo o ato.

Um ponto interessante é que essa ideia Comteana parece ter refletido em ao menos uma das ciências positivas, a biologia, o que pode indicar uma transformação possível:

Quando tentamos explicar o que é, enfim, a biologia, vemos que ela, na verdade, consiste em dois campos bem diferentes: a biologia mecanicista (funcional) e a biologia histórica (MAYR, 2005) [...] a biologia funcional ocupa-se da fisiologia de todos os organismos vivos, especialmente com os processos em níveis celular e moleculares. Já a biologia histórica debruça-se sobre os aspectos da evolução dos organismos: como a extinção dos dinossauros, por exemplo, a origem dos seres humanos e das demais espécies, a origem das novidades evolutivas e a explicação da diversidade orgânica (FLACH, DEL PINO, 2016, p.238)

A biologia atual, portanto, consegue compatibilizar com as ideias comteanas, mesmo que o referencial aparentemente tenha se perdido, uma vez que o autor citado não cita Comte durante seu texto. Será que a sociologia consegue também?

esta grande ciência como composta de duas partes essenciais: uma, estática, que constrói a teoria da ordem; a outra, dinâmica, que desenvolve a doutrina do progresso. A instrução religiosa considera sobretudo a primeira, onde a natureza fundamental do verdadeiro Grande Ser é diretamente apreciada.(COMTE, p. 229)

Dentro da disciplina sociológica, a estática expressa a ordem (o ser); a dinâmica mostra o progresso (o devir). A instrução religiosa presa o “Grande Ser”, ou seja: em como a ordem se construiu, por meio de uma teoria. É a ordem subjacente da realidade, a grande permanência, das quais o devir não se

constitui em um desvio, mas sim em uma corroboração dessa dimensão maior. Essa característica torna a sociologia uma área de difícil compreensão: “É isso que dispõe amiúde os espíritos pouco sistemáticos a desconhecem a plenitude sintética que caracteriza esta ciência final, que eles restringem demasiado a esse domínio principal, em torno do qual devem, enfim, concentrar-se todos os outros” (COMTE, 1978, p. 240). Este trecho mostra a síntese final da sociologia, onde o ser e o devir aparecem como complementares: o ser está na estática e o devir está na dinâmica.

Nosso último movimento é a análise do trecho que segue:

Era mister instituir primeiro, neste supremo domínio teórico, uma harmonia geral entre a apreciação estática e a apreciação dinâmica, assinalando a sede de nossas principais funções. Malgrado a confusão metafísica que queria reduzir tudo à inteligência, à qual se consagrava o conjunto do cérebro, a razão comum havia atravessado as trevas filosóficas, pelo menos quanto aos pendores, sobretudo pessoais, em virtude da energia espontânea deles. Os antigos pensadores consagraram a distinção, fazendo-os residir, ainda que vagamente, nas diferentes vísceras da vida de nutrição. Todavia, nenhum órgão fora designado para os instintos simpáticos, e a ciência, de acordo com a teologia, falou sempre das paixões como se só existissem as más. Por outro lado, a inteligência ficava indivisa e sua subordinação ao sentimento não podia ser teoricamente representada (COMTE, 1978, p.242)

É possível perceber mais claramente a trincheira estabelecida, a partir do lado que submete tudo à inteligência. Pode-se perceber que Comte buscava, basicamente, constituir um DNA da cultura humana ao conhecer esses autores clássicos, e essa controvérsia foi um fio interessante para promover a aproximação entre eles: estes são complementares, e não excludentes, algo parecido com o movimento que Beócio fez na tentativa de unificar Platão e Aristóteles na Idade Média. Algo que vai de encontro à imagem tradicional do positivismo:

Afinal de contas, sem muito rigor costuma-se associar-se a ele as mais variadas ideias, muitas delas consideradas datadas ou que se gostaria que o fossem: higienismo, cientificismo, evolucionismo, eurocentrismo, racionalismo, empirismo, iluminismo etc. Além disso, integram o senso comum acadêmico na forma de anedotas algumas particularidades da vida e da obra de Augusto Comte, o fundador do Positivismo: o casamento com

uma prostituta, a crise mental, a paixão platônica, a fundação de uma nova religião; tais anedotas, também com frequência, soem constituir o grosso do que se “conhece” a respeito do tema (COMTE, 2018, p.19)

Nesse sentido, podemos ainda mencionar uma outra síntese a partir das ideias expostas do filósofo social francês: a de filosofia e a da ciência. Disciplinarmente, a filosofia foi apartada da ciência no século XIX, como podem apontar os dizeres de Durkheim (1970), que afirma que a ciência cuida do ser e a filosofia cuida do dever ser. Porém, essa disjunção é um processo mais amplo e mais institucional:

O divórcio radical, no século XIX, entre a filosofia e a ciência deve-se, justamente, ao fato destes dois protagonistas possuírem a mesma ambição. Tanto a filosofia espiritualista, quanto a ciência experimental, buscavam, sozinhas, totalizar o fenômeno humano, a primeira a partir do poder de animação do espírito, a segunda a partir do enraizamento fisiológico da consciência (VERISSIMO; FURLAN, 2007, p.332)

Note-se, são os especialistas da modernidade do século XIX que busca realizar essa separação mais radicalizada. Comte parece ter ido no sentido contrário, ao articular todos esses saberes em uma constelação positivista, tentando promover uma aproximação. Ou seja, ao invés de ignorar ou criar separações muito dicotomistas entre ciência e filosofia, Comte criou uma religiosidade que sedimentou ambas. Tentativa que foi bastante contestada, porém na análise é possível perceber limites e méritos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo estudamos as repercussões do ser (Heráclito) e do devir (Parmênides) na sociologia comteana, o que é possível porque (a) há um elemento sintético da teoria comteana e (b) há a sociologia estática e a sociologia dinâmica. Observamos, em um primeiro momento, de que modo houve controvérsia entre essas duas formulações filosóficas; com Comte essas duas concepções são traduzidas em ciência através da estática e da dinâmica. A estática expressa a ordem, o ser; a dinâmica expressa o progresso, o devir. O sistema positivo utiliza a controvérsia entre monismo e mobilismo para sintetizar

o conhecimento humano e produzir o saber que considera final - justamente porque quer agregar.

Uma outra discussão relevante que pode ser incitada por esse debate é sobre a tecnologia. Comte estava, evidentemente, buscando as leis, o que opunha sua ciência diretamente à tecnologia, pois esta que precisa utilizar a especulação para pensar alternativas aos procedimentos já estabelecidos. A tecnociência, por seu turno, utiliza essa especulação - por que não filosófica? - para dar um sentido instrumental para o saber científico. Comte, a despeito da busca das leis e levando em conta seu borrar de fronteiras epistêmicas em prol da religião da humanidade, parece ter dado um primeiro passo na direção da tecnociência em pleno século XIX.

O ponto final é uma observação sobre a ciência e a filosofia, no sentido de semelhanças e diferenças no trato com os autores, clássicos ou não. Nesse sentido, as ciências sociais trabalham mais pelo sistema de escolas: assim como outros autores, se adaptado, Comte pode conferir ferramentas analíticas para pesquisas sociais na atualidade, como o fez Lacerda mais recentemente (2018). Já a história, muitas vezes, parece funcionar por um sistema mais parecida com as ciências naturais, em um sistema mais “revolucionário”, nos termos Kuhnianos: nesse caso, Comte está descontextualizado e fica como uma relíquia a ser ignorada ou pode servir puramente como contraponto.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Wellington Lima. CONTINGÊNCIA E LIBERDADE DOS GREGOS A LÓGICA HEGELIANA. **Revista Húmus**, v.1, n.3, p.28-37, 2011.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre; AZEVEDO, Andrei Gomes de. O método dialético no ensino de geografia: estratégia metodológica para um debate em sala de aula. In: SANTOS, Ivanaldo. **Filosofia e ciências humanas: teorias e problemas**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista**. São Paulo : Abril Cultural, 1978.

FLACH, Pâmela Ziliotto Sant'Anna; DEL PINO, José Claudio. Afinal, para que servem a história e a filosofia da biologia?. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 236-252, jul.-dez. 2016

DURKHEIM, Émile. **Sociologia e filosofia**. São Paulo, Ed. Forense, 1970.

KIRK, Geoffrey S.; RAVEN, John Earle; SCHOFIELD, Malcolm. **Os filósofos pré-socráticos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

KUHN, Thomas. **Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LACERDA, Gustavo Biscaia de. Auguste Comte and "Positivism" rediscovered. *Revista de Sociologia e Política*, v. 17, n. 34, p. 319-343, 2009.

LACERDA, Gustavo Biscaia de. **Comteanas**. Curitiba: Appris, 2018.

LACERDA, Gustavo Biscaia de. Elementos estáticos da teoria política de Auguste Comte: as pátrias e o poder temporal. *Rev. Sociol. Polit.*, Curitiba, 23, p. 63-78, nov. 2004

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MINIKOVSKY, Cléverson Israel. **Heráclito versus Parmênides: História da Filosofia**. São Paulo: Biblioteca, 2008.

VERISSIMO, Danilo Saretta; FURLAN, Reinaldo. Entre a filosofia e a ciência: Merleau-Ponty e a psicologia. *Paidéia*, v. 17, n. 38, p. 331-342, 2007.